

# Juventude, grupos de referência e memórias

Ricardo Cruz Macedo<sup>51</sup>

## Resumo

A categoria 'juventude' tem sido debatida em distintas e diversas reflexões no pensamento sociológico contemporâneo. Neste trabalho, a proposta é tratá-la a partir de sua relação com as memórias coletivas e sociais. A pesquisa<sup>52</sup> foi realizada em Juazeiro do Norte-CE, enfocando quatro grupos de jovens em bairros distintos da cidade. Tratando as memórias juvenis como heranças geracionais e expressões da própria juventude, a hipótese é que, na construção memorial, haja, no trânsito geracional, influências significativas de grupos específicos, como a família, os amigos do bairro e os do ambiente escolar. Sob estas condições, o presente texto busca problematizar como redes de relações vividas pelos jovens são mecanismos para a compreensão das memórias coletiva e social em Juazeiro do Norte.

**Palavras-chave:** Juventude. Memórias. Socialização. Relações geracionais. Juazeiro do Norte.

## Abstract

The category 'youth' has been debated in distinct and diverse reflections on contemporary sociological thought. In this paper, the proposal is to treat it from its relationship with the social and collective memories. The survey was conducted in Juazeiro do Norte - CE, focusing on four groups of young people in different neighborhoods of the city. Treating juveniles as generational legacies memories and expressions of youth itself, the hypothesis is that the memorial building, there are at generational transit, significant

---

<sup>51</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). ricardocruzmacedo@gmail.com

<sup>52</sup> Este artigo é parte dos resultados de minha monografia (Macedo, 2013) intitulada Lembranças Juvenis: relações geracionais e espaços de sociabilidades em Juazeiro do Norte e da pesquisa de Iniciação Científica "Lembranças de jovens: experiências memoriais sobre espaços e sujeitos em Juazeiro do Norte", financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP. Ambos os trabalhos tiveram a orientação do Professor Dr. Domingos Sávio Cordeiro do curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri - URCA, ao qual sou grato pelos dedicados momentos de reflexão que tivemos durante as pesquisas.

influences of specific groups such as family, neighborhood friends and the school environment. Under these conditions, this text raises questions as networks of relationships experienced by youth are mechanisms for understanding the social and collective memories in Juazeiro.

**Keywords:** Youth. Memories. Socialization. Generational relationships. Juazeiro.

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar a discussão, como um espaço de reflexão sociológica, sobre a influência de grupos de referência nas elaborações memoriais da juventude. Trata-se de um esforço por abarcar conteúdos expressos das memórias coletivas e sociais a partir de jovens moradores em Juazeiro do Norte, tencionando a discussão a partir da categoria, grupo de referência e bairro de moradia.

Para a compreensão sociológica dos sujeitos da pesquisa, vale destacar, inicialmente, o interesse conferido à categoria 'juventude' pelos mais distintos ângulos<sup>53</sup> em temáticas sociológicas, vinculando-a a uma série de abordagens.

Em termos etários, por exemplo, pesquisas do Instituto Francês de Opinião Pública (IFOP) entendem como sendo jovens as pessoas que se encontram no intervalo de 18 a 30 anos. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera a faixa de 15 a 24 anos (ROMERO, 2008, p.2). Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2010, esta demarcação estaria pautada no recorte entre 15 e 29 anos. Para além dessas delimitações etárias, no que diz respeito à juventude, neste artigo, entendo os sujeitos entre 19 e 24 anos. No entanto, considero também as demarcações que situam o debate em termos geracionais e sociais, conforme Nunes (1969).

Esta multiplicidade, com a qual se entremeia o conceito de juventude, fundamenta formas de percebê-la socialmente a partir das várias relações desempenhadas pelos sujeitos.

Situando as memórias juvenis, tomo-as como expressões das relações intra e intergeracionais, manifestando-se a partir das experiências desencadeadas pelos vínculos entre gerações mais experientes e por aqueles vividos pela própria juventude. Entre outros fatores, estes vínculos apresentam-se através dos processos de socialização, sendo esta entendida como forma de participação, onde a juventude vive e diz a vida social. Estes processos de socialização se desenvolvem de duas formas permitindo, por um lado, abertura dos jovens a se enquadrar diante das condições sociais (instituições, normas, valores etc.) disponibilizadas pelo meio, e ainda, que o espaço seja influenciado também com a entrada desses sujeitos através de suas posições, experiências, singularidades e atitudes (PAIS, 2003).

Além destas questões teóricas norteadoras, cabe ressaltar a relação com meus interlocutores no campo. Aí, detive-me à aplicação de entrevistas em grupos de discussão<sup>54</sup> em quatro bairros de Juazeiro do Norte. Além de entrevistas, a observação dos grupos, muito contribuiu para a concepção de *insights* e para a reflexão sociológica da escrita do texto em questão. Há, neste sentido, um empenho em tencionar a literatura utilizada às experiências empíricas, fundamentando o estudo.

---

<sup>53</sup> Veja-se, como exemplos, Dayrell (2010), Pais (2003), Bourdieu (1983).

<sup>54</sup> Sobre este procedimento técnico, Uwe (2009, p. 182) aponta que sua contribuição para as discussões gerais esteja vinculada no sentido de revelar como as opiniões são geradas e, sobretudo, alteradas, defendidas e eliminadas no intercâmbio social.

Os jovens que compõem os quatro grupos acompanhados são moradores dos bairros Frei Damião, Limoeiro, Salesiano e Santa Teresa, respectivamente. Meu acesso a cada um desses espaços foi intermediado por jovens conhecidos nos referidos lugares.

Acenando para o cenário de pesquisa, Della Cava (1976) afirma que Juazeiro do Norte atravessou, desde o milagre<sup>55</sup> com a hóstia, um elevado crescimento, indo de centro de peregrinação religiosa a uma importante força econômica do vale do Cariri cearense. Este aspecto é fundamental para a problematização das memórias juvenis a partir do intercâmbio geracional, uma vez que o arranjo dos discursos são espaços para a localização de personagens chave da construção da cidade, como por exemplo, o Padre Cícero<sup>56</sup>.

Como hipótese norteadora, tenho, como dito, que as memórias juvenis sejam expressões resultantes dos processos de relações desencadeados entre as gerações mais experientes - heranças geracionais - e das próprias experiências - posição de geração. Nestas circunstâncias, ressalto as experiências vividas pelos sujeitos jovens através dos contextos de sociabilidades estabelecidas em grupos como a família, os amigos de bairro e os do ambiente escolar. Esses são grupos considerados como de referência na delimitação do discurso memorial.

Através destas perspectivas, busco verificar aspectos nas quais estão apoiadas as memórias juvenis, desembocando na ideia do momento em que os sujeitos estão inseridos. Se for certo que cada geração expresse uma cidade de Juazeiro do Norte a partir da sua imersão ou legado cultural (CORDEIRO, 2011), uma indagação é necessária: Qual cidade aparece frente os discursos memoriais juvenis aqui em foco? Essa questão ampara condições interpretativas de ordem maior que o espaço investigado, Juazeiro do Norte, ao trazer a ideia de legado cultural herdado e o posicionamento, ou expressão geracional, frente a um dado momento histórico social.

## Memórias juvenis e identidades sociais

De acordo com Bosi (1979. p.17), a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares ao indivíduo. Esta vinculação do indivíduo ao seu grupo referencial permite nos situar dentro das relações sociais norteadoras dos saberes que se expressam como memoriais. Ao nos socializarmos, compartilhamos saberes dos grupos de nosso convívio e, com eles, tornamo-nos pertencentes ao espaço social.

A memória juvenil se inscreve diante de fatores como, por exemplo, as experiências do bairro de moradia e as influências de grupos específicos nas socializações. Estes aspectos são veículos tencionadores das relações entre sujeito e espaço. Dessa forma, as memórias, ao posicionar situações de

---

<sup>55</sup> Conforme Cordeiro\* (2011, p. 31), "o 'milagre da hóstia'- protagonizado pelo Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo - aconteceu no dia 1º de março de 1889 - deu origem a reputação do padre como 'santo do povo', a fama da cidade como 'Terra da Mãe de Deus', e o conseqüente fluxo de romarias à Juazeiro do Norte".

<sup>56</sup> Padre Cícero ocupa lugar indispensável para as reflexões sociais que abarcam as memórias sociais em Juazeiro do Norte. Sua presença é aspecto fundamental na história deste lugar a partir da sua influência às relações econômicas, políticas, religiosas, etc.. Segundo autores como Della Cava (1976), os fluxos destinados ao pequeno vilarejo que se tornaria mais tarde em cidade, eram intensos e constantes, fazendo de Juazeiro do Norte um centro de destaque no Cariri cearense e de Padre Cícero um ícone central de todo o movimento que dá sentido a este cenário.

relações vividas, edificam-se como traços demarcadores de contextos e espaços de convivências, nos permitindo tratá-las como traços elementares de identidades.

Os discursos memoriais reverberam os momentos históricos sociais em que se expressam os jovens. O grupo de amigos do ambiente escolar e do bairro, aqueles em há um destaque das relações com pares de idade, acionam o sentido de relação entre a própria geração e o seu espaço de circulação. O grupo familiar se manifesta como um espaço de influências geracionais. Ele é, nesta perspectiva, o local de onde as narrativas juvenis posicionam-se para ir além daquele tempo vivido pelo próprio jovem.

Quando se emendam discursos vividos e herdados, a noção de identidade, enfatizada nos discursos memoriais, se reflete enquanto processo de identificação. Este processo faz do sujeito parte do meio em que se narra, entrecruzando a presentificação do passado com as formas de experiências do presente em que se vive.

Fundamentalmente, as memórias perpassam-se por entre aquelas que situam o sujeito ao seu grupo e aquelas que o inscreve sob o espaço maior, a cidade, ou seja, as memórias coletivas e sociais, respectivamente. Para Halbwachs (2010, p. 72), “a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas porque fazem parte de um conjunto”. Ela, a memória coletiva, faz referência específica à ordem dos fatos do grupo, sendo fruto das ações compartilhadas por este. A memória social, por sua vez, tenciona as ações grupais, colocando-as em contato. Aglutina uma diversidade de elementos, frutos da interação de grupos, da divulgação pública de fatos políticos, econômicos e sociais (CORDEIRO, 2011). Esta memória não só é mais ampla, como também relaciona a forma de percepção do grupo ao espaço da vida pública, que é maior que aquele.

Anunciadas nos contextos sociais, as memórias juvenis indicam sobre seus grupos a partir dos espaços em que se incluem. Na escola, por exemplo, absorvem, em partes, novos conhecimentos através do ensino que lhes é ministrado, e ainda através de outros veículos transmissores de informação, como livros, revistas, etc., (NUNES, 1969). Neste sentido, as memórias sociais se apoiam nas relações de envolvimento entre sujeito, grupo de referência e espaço. Contudo, sobressaem contextos que, mais que situar o grupo, projeta-o na circulação dos espaços de relações maior, neste caso, a cidade de Juazeiro do Norte, revezando e arranjando as memórias da cidade a partir das situações de interações. Como se segue, o interlocutor dirige sua narrativa a partir do espaço do bairro em que reside e a influência do grupo de amigos aí estabelecido assim como do contexto familiar.

Meu Juazeiro, que eu cresci vendo, é o que eu ainda moro. É casa pequena, estreita, vizinho que conversa, que fofoca. Saiu aí uma pesquisa num canal, que Juazeiro do Norte é onde mais se vê gente na calçada. E isso é curioso. Todos aqui (os amigos do bairro) entendem o que eu vou dizer agora. Porque o Juazeiro da minha época é o da minha rua e a rua da minha avó. Esse era o meu Juazeiro. E quando você vai crescendo, conhecendo outras ruas, que você vai se soltando, você vai conhecendo outras coisas, aí você se admira. Eu vim conhecer a Vila Três Marias (bairro) tem pouco tempo. Aí, esse meu Juazeiro que eu cresci vendo, eu me espanto quando eu vejo um Juazeiro mais avançado do que o meu, sabe! Porque eu já tenho 19 anos e sempre vejo as mesmas coisas aqui no meu lugar. Mas já tem bairros por aí que em cinco anos cresceu uma coisa monstruosa (JAILSON, 19 Anos. Bairro Limoeiro. Entrevista realizada em 25 de março de 2013).

Merece ênfase, nos processos de socializações, a relação do sujeito com o seu tempo, pois, à medida que se inteiram, os jovens se aproximam das formas de perceber e dizer os contextos sociais. Por conseguinte, os discursos traduzem-se como formas de abranger o mundo pelo sujeito narrador,

localizando-o quando participa da vida coletiva e social.

De um ponto de vista estritamente psicológico, podemos dizer que a memória é a capacidade de adquirir experiências e consolidá-las em lembranças. Esta capacidade é realizada por um indivíduo, alguém que se lembra de algo e que ao lembrar fatos localizados no tempo e no espaço, agrega valores e interesses do tempo presente (CORDEIRO, 2011, p. 36).

Essa agregação de valores não só marca a posição atual do sujeito, como a engendra à trajetória deste, ao seu processo de constituição das pertencas, das condições sociais e do tempo de vida. Martins (2011) chama atenção, pensando na juventude, que importa saber aquilo que se lembra, pois, mesmo em contato com as memórias coletivas e sociais, os jovens constituem-se como sujeitos ligados às novas configurações espaciais e relações sociais em comparação às gerações passadas. Esta categoria geracional está marcada pelo acesso a bens simbólicos nas dinâmicas sociais do presente, como, por exemplo, a escola e as transformações tecnológicas.

Um dos primeiros moradores do bairro aqui foi o meu tio. Ele chegou aqui está com uns quinze ou vinte anos. Quando ele chegou aqui num tinha nada. Ele tinha muita dificuldade com relação à água, luz. Depois desses seis anos que eu estou aqui, já evoluiu demais. Criou mais escola, mais posto de saúde. Tem até banco, e isso tudo no bairro. Esse bairro está evoluindo. Uma das primeiras coisas que eu comecei a estudar quando cheguei de Fortaleza foi sobre a história do bairro, sobre seu crescimento (RAQUEL, 21 Anos. Bairro Frei Damião. Entrevista realizada em 28 de dezembro de 2012).

Constituídas nos variados espaços de convivências, as memórias assumem um sentido de identificação quando vistas como traços delineadores das experiências do jovem como sujeito social. É ainda um processo de identificação quando os jovens carregam, a partir das experiências, apresentações dos lugares que fazem parte, através das relações estabelecidas e dos laços entre as gerações. Neste sentido, tempo e espaço emendam-se, e não cabe, portanto, falar de espaço sem falar de tempo (DAMATTA, 1985), pois essas duas dimensões são aspectos relevantes na elaboração da direção discursiva da memória. Como lembranças de experiências através dos vínculos geracionais, as memórias baseiam-se em um tempo e espaço dados, balizando relações com o grupo, permitindo a consolidação das elaborações memoriais com o passado e com o presente.

É a memória geracional que vai buscar no passado os elementos que possam contribuir para explicar o presente. É no passado que o presente se explica, em um processo da realidade social e subjetiva. O passado pode se apresentar como continuidade, como herança geracional, mas pode, também, ser ressignificado pelas novas gerações no presente através, dentre outras coisas, de constantes reinterpretações da memória. Nesse sentido, a memória reinterpreta o passado e é por ele reinterpretada no presente. O seu papel é fornecer uma ligação entre o presente e o passado (MARTINS, 2011, p. 16).

As localizações no quadro geracional, ou identificação, baseadas nos trechos dos discursos, se formam sobre as condições de tempo e espaço e das ligações com gerações mais experientes. O passado não só se presentifica nos discursos, mas se constitui também como um elo de demarcação das experiências, das situações vividas e dos sentidos de pertencas.

Na volta ao passado, a juventude cita experiências de pessoas mais velhas do seu meio. Remontam ainda vivências de grupo, como contextos de interação pelas conversações, principalmente em um ambiente de proximidade com a família. Esta noção pode traduzir as memórias sociais como sinônimo de

pertencimento a esse ou aquele espaço e grupo ao referi-lo na trajetória das socializações

Eu lembro que minha mãe falou que a gente sempre morou aqui. Minha mãe, minha avó, minha tia. Aí minha avó dizia: Olhe, ali perto daquela casa era muito mato, só tinha terreno, coisa de sítio mesmo. Aí falavam também das diversões onde tinha uma pracinha que se reunia todo mundo, era só aquela coisa. Não é como a gente sai hoje para um lugar, para outro, para as festas. Era assim, só tem aquele negócio, tipo uma cidade pequena. Era quilo. Só tinha aquela diversão (WAGNER, 24 Anos. Bairro Salesiano. Entrevista realizada em 10 de novembro de 2012).

Conforme Martins (2011, p. 3), “um indivíduo sem memória é, pois, um indivíduo sem identidade, sem passado, sem história e sem razão de ser no mundo”. A memória social traz o rol dos pertencimentos, dos acessos, das interações vividas nos distintos espaços de atuação e de relação.

Pollack (1992) destaca um aspecto importante, confirmando a noção de memórias sociais. Pensando no caso juvenil, elas apontam os personagens dos discursos não necessariamente como pertencentes ao espaço e tempo do sujeito que fala. Neste sentido, tratando os jovens enquanto sujeitos em formação e socialização para a vida adulta, esta posição contextualiza as experiências intergeracionais, destacando, além de sujeitos, como no caso de Juazeiro do Norte, o ícone Padre Cícero, os vínculos espaciais com o bairro onde residiu e reside aquele que fala.

A visão que é dada pelos órgãos públicos é apenas a visão religiosa do Padre Cícero. Isso só não é suficiente. Nós (amigos de bairro) sabemos que ele vai mais que isso. Vai além da sua vida religiosa. Ele é um líder político e comunitário. A respeito dele eu acho interessante como minha avó tenta passar a visão do Padre Cícero, sobre a atualidade. Fatos que acontecem hoje ela diz que o Padre Cícero já explicava. A violência, o desenvolvimento da cidade, as crenças populares, tudo. Eu lembro de uma vez que ela me falou, tinha passado até no jornal, um acidente de moto, que meu Padrinho Cícero já dizia: Isso aí são os besouros pretos, em alta velocidade, matando o povo. Então eu destaco não o Padre Cícero religioso, mas o Padre Cícero do desenvolvimento, da política, da liderança comunitária (DANIEL, 20 Anos. Bairro Limoeiro. Entrevista realizada em 03 de março de 2013).

Nas memórias juvenis, o discurso aparece sob uma constante disputa entre o vivido e o projetado, através de uma relação que envolve a transmissão, resultante das relações com as quais o sujeito pertence, e um posicionamento com o contexto da narração que se desenrola. Emenda-se a cidade de gerações passadas e a da própria juventude porque é uma só, apenas dita por sujeitos localizados social e temporalmente de formas distintas.

No fluxo geracional, as memórias não são meramente transmitidas ou reproduzidas. Tornam-se passíveis de transformação quando se considera que, neste processo de entrada e saída dos sujeitos no tempo e espaço, haja possibilidades de mudanças nos conteúdos memoriais.

Com relação à transmissão, refere-se ao campo da cultura e sua marca identitária de um grupo social que é estendida dos adultos para os jovens através de um processo que não os considere sujeitos passivos, mas capazes de reproduzir ou de transformar essa mesma cultura. Esse movimento de reconstrução tem a memória como fonte primária do elo intergeracional, que marca a continuidade do grupo social, a expressão de uma identidade coletiva (MARTINS, 2011, p. 5).

Nas memórias sociais emprestadas aos jovens por gerações mais experientes, pode-se dizer que os processos de transmissão fundamentam-se de maneira reapropriada, ao trazer para o discurso, os tempos não vividos pelos jovens. Neste âmbito, nas memórias juvenis, as condições sociais vividas pelos seus

próximos promovem a ligação entre o passado, e aí o passado não vivido pela juventude, e o presente. Para exemplificar esta posição, as transformações da cidade de Juazeiro do Norte, dita através da juventude pelo desenvolvimento socioeconômico, representam formas de se reportar ao espaço urbano de acordo com uma dada geração.

Para cada geração e de acordo com o lugar social do entrevistado, existe uma cidade de Juazeiro do Norte, que é o reflexo de uma compreensão sobre o momento atual e o legado de herança simbólica a que se tem acesso (CORDEIRO, 2011, p. 201).

Diante do legado cultural, a geração jovem, encontra-se uma ideia de lugar, ou discurso do lugar, baseada nos valores e referenciais simbólicos. De outra forma, a condição de morador em que está situada a juventude em foco, acentua a noção de que as memórias juvenis se baseiam a partir de heranças simbólicas. As lembranças situam o sujeito num conjunto cultural de onde vive, e vice versa, uma vez que há, nas memórias juvenis, uma combinação entre o vivido e o escutado, dos aspectos compartilhados socialmente, questões que envolvem política, religião, cultura, etc.

Eu vejo que o Juazeiro hoje em dia já está totalmente diferente do Juazeiro da minha infância. O meu bairro cresceu. Tem outro comércio, tem outras áreas de diversão. Tem outra cara, com coisas que não tinham. Educação também. Porque assim, quando eu era criança, meus primos tinham que sair daqui pra estudar em Recife. Hoje não, toda a nossa geração estuda aqui por que não precisou sair. Não precisou sair para comprar em outros lugares. Então Juazeiro não é mais aquela coisinha dos meus avós. Lógico, ainda tem alguns cantos que tem costumes de cidade pequena, mas também não é como era antigamente na época do meu avô que tinha outros costumes e valores (MICHELE, 22 Anos. Bairro Salesiano. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2012).

Através das lembranças, as memórias juvenis tecem também a ideia de desempenho geracional, uma vez que estão baseadas no envolvimento com a dinamicidade da vida na cidade. Dessa forma, o espaço e as relações ditas sobre Juazeiro do Norte, enfocam transformações principalmente físicas, e, depois, de costumes. Quando, nas memórias, se relacionam experiências de vida ao espaço em que está o jovem, há uma demonstração desse sujeito como pertencente ao contexto em que é posto. Esse pertencimento legitima aspectos como reconhecimento ou identificação, nos quais o sujeito da narrativa busca não só ser receptor como também ator na cena que é lembrada.

Podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLACK, 1992, p. 5).

Tomando os aspectos conferidos, exprime-se uma vinculação entre as memórias e as identidades, vistas como processos de identificação. Neste sentido, os discursos em xeque de que tratam as memórias em Juazeiro do Norte, consideram traços característicos da cidade como a religiosidade, através da figura do Padre Cícero. Não obstante, além desse emblemático nome como aspecto caracterizador deste lugar, a juventude destaca também as relações com a vida universitária, as suas experiências de bairro, o crescimento urbano, porque esses são os traços com os quais identificam o seu momento de relações. Há uma conferência do sentido de localização e identificação, não só espacial, a partir do bairro de moradia e, conseqüentemente, da cidade, mas de lugar social, a partir da noção geracional que é onde estão postos social e culturalmente.

## Entre o próximo e o distante: contextos de experiências memoriais

As memórias coletivas e sociais engendram-se por entre discursos de práticas das experiências no grupo de referência e, da mesma forma, das interações entre outros grupos numa intensa teia. Dos intercâmbios geracionais, as memórias juvenis se expressam evidenciando maneiras de dizer a vida social. É nesta perspectiva, que a posição no tempo em que se localizam as gerações e, nele, as condições sociais e culturais, serve de base para a exploração dos discursos memoriais da juventude.

De modo geral, as memórias se delineiam como um mosaico sobre fatos, personagens e lugares. Como heranças, as memórias juvenis são pensadas como aspectos da vida coletiva, quando trazidas do percurso das experiências dos sujeitos próximos aos jovens, enveredadas em grupos mais experientes como a família. Em sentido de produção, há, na delineação discursiva, uma exposição da juventude por suas experiências e relações entre grupos geracionais. Neste ínterim, marca-se na problemática, as noções de proximidade e distanciamento com a qual o jovem elabora sua narrativa.

Neste estudo, foram observadas fontes destacáveis como elaboradoras das memórias, como os laços familiares, a escola<sup>57</sup> e os amigos do bairro. Em segundo plano, apareceram aspectos como o envolvimento com os fatos sociais e culturais que desenham o calendário local, como as manifestações religiosas<sup>58</sup> das romarias<sup>59</sup>, além do aspecto comercial<sup>60</sup> da cidade. Estas fontes posicionam as memórias juvenis a partir das diversas relações, proporcionadas pelas distintas socializações nas quais os jovens estão amparados para falar as memórias sociais.

A memória quase herdada pelos jovens se expressa como resultado das relações estabelecidas com os adultos nos espaços de elaboração de suas identidades. A identidade juvenil é organizada, em parte, pela memória herdada. Esta, compreendida como um fenômeno construído social e individualmente. A herança é transmitida pelas lembranças que são compartilhadas nas relações sociais, na sociabilidade manifestada em espaços como a casa, a rua e a festa. Mas é, também, no apagamento da memória

---

<sup>57</sup> A escola aparece, considerando as entrevistas, como meio de aproximação com as histórias locais. Quando indagados sobre as fontes de saberes memoriais, depois da família, que é a mais expressiva, ela, a escola, ocupa destacável lugar como fonte de saber sobre a memória social da cidade. Esses, dentre outros, são veículos de apoio das memórias de 'tempos mais antigos', que aqui se misturam com as 'memórias de tempos mais recentes'. O trecho a seguir apresenta esta posição: Tirando a parte que foi dos meus avós que contaram, eu sempre gostei muito de ler a respeito de Juazeiro. Aí quando eu fiz também o ensino médio, tinha uma disciplina de religião que eles (os professores) frisavam muito a figura do Padre Cícero, a história local. E teve também o que as outras pessoas contaram (JOEFERSON, 23 Anos. Bairro Santa Teresa. Entrevista realizada em 03 de março de 2013).

<sup>58</sup> Aparece em muitos trechos de entrevistas, a fundação de Juazeiro do Norte vinculada ao contexto do 'milagre', sendo Padre Cícero o principal personagem. Ainda neste sentido, surgem também os lugares como as igrejas Matriz, Salesiana, Convento Franciscano, Serra do Horto e as praças que, sendo parte deste contexto, são lugares chaves para posicionar narrativas das memórias sociais.

<sup>59</sup> Falar sobre as romarias como forma de expressar saber sobre a história local, constitui-se destaque pela juventude ao reportar-se a trajetória de Juazeiro do Norte. Pertencentes ao calendário de eventos, tornam-se referência nos discursos, caracterizando-os. Destacam-se três principais durante o ano, sendo elas: Romaria de Candeias, no mês de fevereiro, Romaria de Nossa Senhora das Dores, no mês de setembro e Romaria de Finados, considerada a maior do ano, no mês de novembro.

<sup>60</sup> Observei que o comércio é aspecto presente na narrativa local de Juazeiro do Norte uma vez que a história desse lugar se constrói na ideia de trabalho. A terra do comércio é traduzida pela juventude em versões como a 'capital do interior do Ceará' ou 'Capital da Região Metropolitana do Cariri'. Destaca-se, em algumas narrativas, seu crescimento, sua verticalização, e do mesmo modo, o lugar industrial, com a produção nacional de calçados.



É diante das atuações dos indivíduos jovens como geração, dos seus papéis e relações com os espaços, das maneiras que expõem as memórias, que os traços de distinção geracional vão se edificando. Esta noção legitima o posicionamento da juventude como sujeitos na dinâmica social, atores no jogo das cenas que, além de narrar, expressam também as particularidades com as quais convivem em seu espaço e tempo. No discurso memorial, expressões como “no tempo de minha mãe”, “no tempo de minha avó”, “no tempo do meu pai”, são validações chaves do processo de socialização. Quase herda maneiras de se reportar a lugares, de ver e descrever sobre trajetórias da vida coletiva porque, enquanto sujeitos sociais, os jovens falam diante de um contexto, um tempo não interrompido, mas sim, posicionado.

Para Pollack (1992, p. 4);

A memória, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que é função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

As memórias sociais pelos jovens situam o indivíduo no rol de contextos de envolvimento, quer sejam com espaços, sujeitos de destaque e/ou com grupos de referência nas quais se refletem.

A memória juvenil pode ser construída por lembranças emprestadas. Pode ser apoiada nas relações vivenciadas coletivamente, mas são lembranças ressignificadas de forma particular. É ainda o resultado de imagens formadas a partir das narrativas dos adultos participantes de sua comunidade afetiva (MARTINS, 2011, p. 20).

Entre outras questões, a memória juvenil, diante da ideia de processo de socialização do sujeito jovem, é um ângulo de problematização da memória social. Embora se construa com fatos do tempo de quem fala e, nesse caso, fatos recentes, elas, as memórias, encontram-se em vinculação entre o dito e o vivido, numa contínua interseção entre as noções de proximidade e distanciamento temporal do vivido pelo jovem.

## Os grupos referenciais na elaboração memorial

Se até aqui foi enfatizada a influência exercida pelos grupos de referência para o processo de formação das memórias coletivas e sociais, cabe pensar agora como está sendo proposta a noção de grupo e, a partir do contexto em foco, analisar a influência de grupos referenciais como família, amigos de bairro e da escola, na delimitação das memórias juvenis.

Numa visão sociológica, o conceito de grupo se refere a um número de pessoas que interagem umas com as outras (MERTON, 1999, p. 370). Pensando a noção de interação, aponto que os indivíduos de um grupo, de gerações distintas ou não, trocam, continuamente, experiências, percepções de mundo, etc. e que, por sua vez, encontram-se conectados a outros grupos e aos contextos sociais.

Ainda de acordo com Merton (1999, p. 365), o conceito de grupo de referência “focaliza as relações dos indivíduos a seu ambiente interpessoal e social mais extenso”. Por ‘extenso’, considero as interações e

circulações de tipo mais intensos dos indivíduos jovens com seu grupo. Indica uma maior proximidade. Os grupos de referência podem ser assim considerados como fontes essenciais para os processos de elaboração das memórias, quer seja da vida coletiva, quando referenciam principalmente o grupo, quer sejam do espaço maior, a cidade de Juazeiro do Norte, por exemplo. As memórias juvenis podem ser assim compreendidas como relações estabelecidas nas afinidades intergeracionais, configuradas diante dos diversos espaços de convívio (MARTINS, 2011. p. 2).

Acentuando a noção de memória a partir do grupo, Halbwachs (2010, p. 51), destaca que;

[...] na memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram frequentemente em maior contato com o indivíduo.

Em consonância, as lembranças que dizem respeito à órbita grupal, vinculadas aos contatos mais próximos do jovem com o grupo, constituem-se também das vivências de experiências intergeracionais. Há de se dizer que o grupo de referência posiciona o olhar. É ainda, a lente de acesso no momento em que se apresenta à narrativa, embora também carregada de aspectos dos sujeitos que fizeram parte do processo de socialização.

O sujeito tem um grupo referencial no momento em que atua. Assim, as memórias juvenis têm forte relação com as vivências nestes grupos referenciais aqui analisados. Estes são, ainda, colaboradores para o estabelecimento de situações que favorecem a elaboração dos saberes que servem as memórias coletivas e sociais. De acordo com Berger (1986, p. 133):

Os grupos de referência nos proporcionam um modelo com o qual nós nos podemos comparar continuamente. Especificamente, eles nos oferecem um determinado ponto de vista sobre a realidade social, que poderá ou não ser ideológico, mas que em qualquer caso será parte e parcela de nossa participação nesse grupo particular.

Esta comparação contínua reflete a noção de processo de identificação. Dessa forma, as vivências em grupo não só são base para as percepções e construções de mundo no presente como também mecanismos para a compreensão social do passado.

Sendo o grupo lente de olhar social, é também fundamento de construção memorial. Pensando no espaço de análise, as memórias sociais em Juazeiro do Norte são marcadas diante das relações que a juventude mantém com aqueles do ambiente familiar, com os amigos do bairro de moradia e com as experiências do espaço escolar. Estes grupos estão, porém, em contato uns com os outros, borrando constantemente suas atuações nos espaços, apresentando-se como importantes no processo de expressão das memórias ditas.

## **Sobre algumas conclusões**

Refletindo as memórias coletivas e sociais pela juventude a partir dos contatos com os espaços e gerações, podemos dizer que há uma influência exercida pelas heranças geracionais e, além disso, uma apropriação e envolvimento discursivo a partir de experiências próprias dos sujeitos jovens. Manifestam-se

resultantes dos intercâmbios geracionais e do modo como os jovens enxergam seus mundos.

Vale salientar, sobre as relações intra e intergeracionais, que as sociabilidades ocupam um papel de destaque, podendo ser entendidas como interações constituídas pelas conversações dos jovens entre seus grupos de referência. Estas sociabilidades são praticadas em espaços diversos, aludindo às experiências lúdicas através das ações do cotidiano (SIMMEL, 2006).

As pertencças e envolvimento com os grupos de referência manifestam, nesse caso através das memórias coletivas e sociais, contextos de origens dos sujeitos interlocutores, dizendo de onde migraram suas famílias e/ou os próprios jovens. As memórias juvenis perfazem, assim, contextos de seus grupos, arrumando, por vezes, seus passos, suas inserções e interpretações no espaço em que se encontram.

Juazeiro do Norte pode ser vista aqui como espaço de práticas em constante reelaboração e reiteração pelas múltiplas experiências trazidas pelos jovens. As lembranças dizem sobre as ações, os modos de viver e conviver pelos espaços e cenas da cidade, sendo os traços elencados, contributos de uma elaboração identitária da geração. Verifica-se esta perspectiva no arranjo de traços das transformações físicas, geográficas e ainda de costumes, citados, por exemplo, a partir do agenciamento de romarias enquanto turismo.

Em outras questões, as memórias demarcam situações e fatos do presente não só porque se apoiam no tempo em que fala o sujeito, mas, no caso juvenil, porque é este o tempo do ator da cena, do contexto da situação social. Se referindo à geração no sentido biológico, de geração em geração os indivíduos encontram-se perante contextos singulares, problemas e modos de vida (NUNES,1969).

Os significados constituintes, expressos e incorporados nos discursos memoriais, viabilizam sugerir conceitos múltiplos sobre o espaço de relações aqui tratado. São, ainda, modelos de compreensão das relações dos que aí habitam por entre os grupos e deles com a cidade. Neste sentido, ratifica-se a proposição de que a leitura social, a partir da memória juvenil, expõe sinônimos adquiridos através dos aspectos destacados como identificadores do instante daqueles que falam, a exemplo de ser a cidade de Juazeiro do Norte vista como terra do Padre Cícero, e no mesmo instante, como polo de uma recente abertura ao crescimento universitário, destrinchando os discursos memoriais como retalhos, marcados pelas distintas vivências, sujeitos e inserções no mundo social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Tao. 1979.

CORDEIRO, Domingos Sávio. **Narradores do Padre Cícero**: muito mais a contar. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

CORDEIRO\*, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas**: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora Imeph, 2011.

DAYRELL, Juarez. **Por uma Sociologia da Juventude**. Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG / setembro 2010. Disponível em:

[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7BD6965967-E284-4B3C-B005-A28EBBE3B35%7D\\_Sociologia%20da%20Juventude.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BD6965967-E284-4B3C-B005-A28EBBE3B35%7D_Sociologia%20da%20Juventude.pdf) Acesso em: 02/02/2014

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2010.

MACEDO, Ricardo Cruz. **Lembranças Juvenis**: relações geracionais e espaços de sociabilidades em Juazeiro do Norte. Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri - URCA. Crato, 2013.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Juventude e Memória**: lembranças de tempos recentes. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba PR, julho de 2011. Disponível em: [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&qid=196&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&qid=196&Itemid=171) Acesso em: 26/09/2012.

MERTON, K Robert. **Sociologia**: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1999.

NUNES, Antônio Sedas. **Sociologia e ideologia do desenvolvimento**. Lisboa: Moraes, 1969.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

POLLACK, Michael. Memórias e identidades. 1992. Disponível em:

[http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf). Acesso em: 27/04/2013.

ROMERO, G. Maia. **Interpretando o que se diz sobre jovens**: um ensaio crítico. Verinotio - Revista On-line de Educação e Ciências Humanas Nº 8, Ano IV, Maio de 2008 - Publicação semestral. Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.62499424500856.pdf>. Acesso em: 25/11/2012.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.